



O Mundo é o Nosso Hospedeiro: Uma Chamada para uma Ação Urgente em Favor da Justiça Climática

Centro de Conferências e Retiros de Volmoed (um companheiro da Comunidade da Cruz de Pregos), África-do-Sul, 23 a 27 de fevereiro de 2015

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Nós, um grupo de Bispos Anglicanos de várias dioceses da nossa Comunhão global, saudamos as nossas irmãs e irmãos em Cristo em toda a Comunhão Anglicana neste dia tão Santo, Sexta-Feira Santa. Nesse dia, quando o Salvador se esvaziou pelo mundo, compartilhamos a seguinte declaração em espírito de um amor sacrificial e reconciliador.

Pai, perdoe o cobiçoso desejo das pessoas e nações de tomarem posse daquilo que não lhes pertence.

Pai, perdoe a avareza que explora o trabalho das mãos humanas e devasta a terra.

Nesse tempo de crise climática sem precedente, chamamos os nossos irmãos e irmãs da Comunhão Anglicana para juntar-se a nós em oração e em ação pastoral, sacerdotal e profética. Chamamos com humildade, mas com uma determinação urgente, animados pela nossa fé em Deus que é Criador e Redentor e pela dor da experiência do nosso povo nas nossas dioceses e províncias, e a sua necessidade de ver sementes de esperança.

De maneiras diferentes, cada uma das nossas dioceses é impactada pela injustiça climática e degradação do meio ambiente. Aceitamos as provas da ciência em relação à contribuição da atividade humana à crise climática e o papel desproporcional das economias baseadas em combustíveis fósseis. Mesmo com anos de reclamações dos cientistas nos alertando das consequências da falta de ação, há uma ausência alarmante de concordância global em relação a como devemos lidar com a situação. Acreditamos que o problema não é apenas econômico, científico e político, mas também espiritual, pois a barreira contra uma ação efetiva está ligada a questões básicas existenciais de como a vida humana é percebida e valorizada: incluindo as reivindicações morais conflitantes de gerações presentes e futuros, interesses humanos contra não-humanos, e como o estilo de vida dos países ricos deve ser equilibrado com as necessidades do mundo em desenvolvimento. Por essa razão a Igreja precisa, urgentemente, encontrar a sua voz moral coletiva.

Ao longo do ano passado, facilitado pelo grupo diretor da Rede Ambiental da Comunhão Anglicana – RACA (ACEN na sigla em inglês) – fomos convidados, através de email, estudos pessoais e conferências virtuais, a começar a refletir sobre como vamos viver na prática, com urgência e esperança, a Quinta Marca de Missão de “Salvaguardar a integridade da criação e sustentar e renovar a vida na terra.”

As nossas reflexões chegaram a um novo parâmetro quando, em fevereiro de 2015, o presidente da ACEN, o Arcebispo Thabo Makgoba, cortesmente acolheu uma reunião face a face na África-do-Sul. Isso nos proporcionou a oportunidade de compartilhar as experiências das nossas dioceses e, dentro do contexto da Eucaristia e oração diárias, ouvir novamente o chamado de Deus nas Escrituras e na Criação (Salmos 104, 148, 24) e discernir o futuro da caminhada. Estamos firmes nas promessas de Deus, aquele que restaurará toda a criação (Romanos 8:18-25) e que fará novas todas as coisas (2 Coríntios 5:17; Apocalipse 21:5).

Ouvimos as histórias de dioceses afetadas por eventos climáticos cada vez mais fortes e extremos; por mudanças nas condições meteorológicas sazonais; aumento no nível do mar; acidificação do mar e diminuição das áreas de pesca; os impactos devastadores da poluição; o desmatamento, e as destrutivas práticas de mineração, extração de energia e transporte. Lamentamos o deslocamento das pessoas por causa dos efeitos das mudanças climáticas, e, conseqüentemente, a perda da sua cultura, identidade e sentimento de pertença. Sabemos que Deus confiou em nós, os seus filhos, a responsabilidade de cuidar da sua criação (Gênesis 1:28-29, 2:15), mas temos sido desleixados (Jeremias 2:7). Por isso, a justiça climática para nós cristãos exige uma resposta de fé.

Juntos lutamos com as dimensões práticas e espirituais da justiça climática à luz das ideias e imperativas da nossa fé cristã. Reconhecemos que alguns de nós servimos em culturas e nações que são os maiores contribuintes para o aquecimento global, enquanto outros moram em lugares que contribuem pouco para o problema, mas que são afetados por ele desproporcionalmente. Também percebemos, com humildade, as diferenças culturais, políticos, históricos e teológicos entre nós, os quais procuramos deixar de lado a fim de construirmos juntos uma resposta para essa crise.

A linguagem que usamos para enfrentar essa questão e os interesses e poderes que temos que confrontar variam significativamente de um lugar para outro. Porém, a crise é compartilhada, e a solução para ela só pode ser encontrada se intensificamos uma unidade de pensamento e prática para derrubar as barreiras da desigualdade e da injustiça na nossa vida em comum.

Compartilhamos a compreensão de que a criação é sagrada, e que somos chamados para servir (*ebed*) e proteger (*shamar*) a terra agora e nas gerações futuras (Gênesis 2:15). Reconhecemos que temos sido cúmplices de uma teologia de dominação (Gênesis 1:26), e entendemos que a dominação humana da terra só pode ser experimentada à luz do mandamento de Jesus de que o maior é aquele que serve (Lucas 22:26). Observamos que existem grandes questões econômicas e políticas em jogo nessa complexa conversa sobre as reservas de combustíveis fósseis ainda não exploradas e o desenvolvimento de formas de energia sustentáveis e renováveis: incluindo os subsídios das indústrias de combustíveis fósseis e a forte influência das grandes corporações nas políticas do governo ao redor do mundo.

Acreditamos que ouvir as vozes dos povos indígenas, cuja relação com a criação permanece ligada à sua espiritualidade e relação com Deus, é de uma importância central para o ministério da justiça climática. Fomos tocados profundamente quando participamos de um Rito Eucarístico Indígena que ligou a Criação, a Moralidade, e a Redenção de maneira bíblica, íntegra e compreensiva.

Foi doloroso admitir que as mulheres frequentemente carregam um peso desproporcional da mudança climática, principalmente porque são a maioria entre os pobres do mundo e, muitas vezes, para sua sobrevivência, são mais dependentes nos recursos naturais que estão sendo ameaçados pelas mudanças climáticas. As vozes e contribuições das mulheres, portanto, são essenciais para enfrentarmos as mudanças climáticas.

Existe uma necessidade imperiosa de ouvir as vozes dos nossos jovens que herdarão os desafios e catástrofes que nós não conseguimos enfrentar e impedir. Acreditamos que

devemos ser reconciliados com a Criação e uns com os outros e que esse chamado é urgente. Acreditamos que a questão da mudança climática, no fundo, é uma questão moral.

Reconhecemos que a salvação em Cristo nos chama para responsabilidades além de nós mesmos. Especialmente no mundo desenvolvido, a nossa visão de salvação tem se focado nas nossas almas individuais e a nossa caminhada até o Céu. A nossa responsabilidade de cuidar da Criação de Deus tem sido esquecida ou ignorada. Temos agido como se Cristo tivesse morrido apenas para salvar a raça humana. É necessário resgatar a verdade da redenção de todas as coisas em Cristo, que é a mensagem da cruz vivificadora. (Colossenses 1:20; João 3:16).

Escutando uns aos outros aprendemos que para atender a vida e saúde do nosso planeta hoje e no futuro, precisamos de sacrifícios agora, tanto pessoais quanto coletivos, uma compreensão maior da interdependência de toda a criação e um compromisso verdadeiro com o arrependimento, a reconciliação e a redenção. Para isso é necessária uma profunda mudança de coração e de mente. Seguindo as palavras de 1 Coríntios 12:26, o nosso estudo e discussões serviram para enfatizar a ligação entre o estilo de vida e uso dos recursos em uma parte do mundo e os efeitos disso no mundo todo. Discernimos uma chamada para revitalizar a nossa vocação humana que recusa deixar alguns pobres e outros ricos, e que redescobre a nossa alegria e reverência às maravilhas da criação de Deus (Salmo 96: 11-12). Fomos desafiados a ir além de pedir justiça pelas ações dos governos e grandes corporações, e a assumir a prática do arrependimento e restrição, praticando justiça entre norte e sul, masculino e feminino, criação humana e mais-que-humana na nossa vida em comum como Igreja.

As igrejas da Comunhão Anglicana são locais e globais. Enraizadas em nossa teologia da criação e em solidariedade umas com as outras podemos assumir responsabilidade pela ação em toda a Comunhão, usando os recursos que Deus nos deu de inteligência, espírito e determinação.

Para viver como o Salvador, que une todos a ele, nós nos comprometemos com as seguintes ações e a desenvolver um plano estratégico de ação nos próximos meses. As iniciativas listadas abaixo são passos iniciais importantes para chamarmos todos os Anglicanos para se unirem a nós nesses esforços:

Como bispos nas nossas províncias, dioceses, congregações e comunidades:

- Nós nos comprometemos como irmãos e irmãs em Cristo na humildade, reconhecendo as nossas diferenças de circunstâncias e de política, a apoiar uns aos outros na conversa e na oração, a continuar a discernir o caminho de Deus, a desenvolver recursos eco teológicos e a formar propostas estratégicas para a ação global e local.
- Nós nos comprometemos a jejuar pela justiça climática no primeiro dia de cada mês em solidariedade com a terra e reconhecendo que a nossa vida em comum como Igreja tem contribuído para a atual crise climática. O nosso jejum vai continuar enquanto discernimos, em oração, que ainda precisamos do arrependimento como Igreja.
- Vamos trabalhar para fortalecer as nossas parcerias ecumênicas e inter-religiosas no mundo e dentro das nossas jurisdições, mostrando solidariedade com todas as pessoas de boa vontade em resposta à crise climática.
- Vamos desenvolver e distribuir recursos educacionais para todos (adultos, jovens e crianças) sobre as mudanças climáticas, a justiça climática, e os princípios éticos e práticos da vida sustentável nos contextos globais e locais.

- Vamos desenvolver e distribuir material litúrgico sobre o Cuidado da Criação para uso nas nossas paróquias e outros locais de culto.
- Pedimos uma revisão das práticas de investimento das nossas igrejas, visando apoiar a sustentabilidade e justiça social, desinvestindo em indústrias envolvidas principalmente na extração ou distribuição de combustíveis fósseis.
- Pedimos o fortalecimento de diretrizes éticas de investimento, que consideram a justiça da criação não-humana além dos interesses das gerações futuras da humanidade...
- Pedimos programas de formação teológica para postulantes, e formação contínua para o clero ordenado, que incluem um aprofundamento sobre eco-justiça e eco-teologia.
- Pedimos às instituições anglicanas que integrem nos seus currículos e na vida comunitária as questões de sustentabilidade ambiental e ética, e que ensinem uma abordagem teológica da justiça climática.

Incentivamos Anglicanos em todo lugar a:

- Se juntar em oração e jejum para a justiça climática no primeiro dia de cada mês como parte da sua vida e adoração.
- Implementar medidas de conservação de energia nos templos e prédios da igreja mudando para fontes renováveis de energia o mais rápido possível.
- Tomar medidas para conservar, reciclar e recolher água ao redor das igrejas e suas propriedades.
- Nutrir a biodiversidade no terreno da igreja criando um habitat seguro para as espécies nativas.
- Apoiar as comunidades locais dividindo recursos de água, energia e terra fértil para a produção local de alimentos.
- Apoiar iniciativas de uso da terra sustentáveis, inclusive colocando um freio em relação ao desmatamento de florestas nativas.
- Defender práticas sustentáveis para a água, alimentação e agricultura nas nossas comunidades. É imperativo que se considere a relação entrelaçado dos sistemas de alimentação, água e energia.

Chamamos os líderes políticos, económicos, sociais e religiosos nos nossos vários países para enfrentar a crise da mudança climática como a questão moral mais urgente atualmente.

Incentivamos esses líderes a:

- Trabalharem com todo o compromisso e pressa possível, para escrever acordos justos, ambiciosos, contabilizáveis e vinculativos no nível nacional e internacional.
- Desenvolverem políticas que realmente assistem os refugiados do meio-ambiente e do clima e a promoverem mecanismos de cooperação intergovernamentais que asseguram os seus direitos, segurança e reassentamento.

Em conclusão

Afirmamos aquilo que cremos através das palavras do Credo: “Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do Céu e a Terra.” E afirmamos que essa declaração é o fundamento do Evangelho de Jesus Cristo nosso Senhor.

A nossa declaração é oferecida em oração, com gratidão a Deus, o criador, mantenedor e redentor a quem toda a glória e louvor sejam dados, agora e sempre.

Deus todo-poderoso, Tu criaste os céus e a terra e tudo que neles há. E Tu criaste os seres humanos à sua semelhança e foi muito bom; Concede-nos a coragem para reconhecer as nossas falhas no cuidado da sua criação. E pela Tua graça, ajude-nos a parar com a degradação do nosso meio-ambiente. Através de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vem para que tenhamos vida em abundância. Amém.

Presentes nessa iniciativa estavam os seguintes bispos:

- O Arcebispo da Cidade do Cabo e Primaz da Igreja Anglicana de África do Sul, O Reverendíssimo Dr Thabo Makgoba
 - A Bispa de Edmonton, Igreja Anglicana do Canadá, a Reverendíssima Jane Alexander
 - O Bispo de Western Kowloon, Hong Kong Sheng Kung Hui, o Reverendíssimo Andrew Chan
 - O Bispo de Davao, Igreja Episcopal das Filipinas, o Reverendíssimo Jonathan Casimina
 - O Primaz da Igreja Episcopal Escocesa, e Bispo de St Andrews Dunkeld & Dunblane, o Reverendíssimo David Chillingworth
 - O Bispo de Nova Iorque, A Igreja Episcopal, o Reverendíssimo Andrew Dietsche
 - O Bispo de Argentina do Norte, Igreja Anglicana de América-do-sul, o Reverendíssimo Nicholas Drayson
 - O Bispo de Harare, Igreja da Província de África Central, o Reverendíssimo Dr Chad Gandiya
 - O Bispo de Salisbury, Igreja de Inglaterra, o Reverendíssimo Nicholas Holtam
 - O Bispo Indígena Nacional, Igreja Anglicana do Canadá, o Reverendíssimo Mark MacDonald
 - O Bispo da Zambia Oriental, Igreja da Província da África Central, o Reverendíssimo William Mchombo
 - O Bispo Johannesburg, Igreja Anglicana do Sul da África, o Reverendíssimo Stephen Moreo
 - O Bispo de Namibia, Igreja Anglicana do Sul da África, o Reverendíssimo Nathaniel Nakwatumbah
 - O Bispo de Madhya Kerala e Vice Moderador da Igreja do Sul da Índia, o Reverendíssimo Thomas Oommen
 - O Bispo de Vanua Levu e Taveuni, Fiji, Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia, o Reverendíssimo Apimeleki Qiliho
 - A Bispa de Swaziland, Igreja Anglicana do Sul da África, a Reverendíssima Ellinah Wamukoya
 - O Bispo Auxiliar da Diocese de Perth, Igreja Anglicana da Austrália, o Reverendíssimo Tom Wilmot
- O Bispo Moderador, Igreja de Bangladesh e Bispo de Dhaka, o Reverendíssimo Paul Sarker, O Bispo da Amazônia, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, o Reverendíssimo Saulo Mauricio de Barros, e a Bispa da Igreja Episcopal de Cuba, a Reverendíssima Griselda Delgado, participaram na iniciativa mas não puderam estar presentes na reunião.

Essa declaração e o seu conteúdo tem direitos autorais: The Anglican Consultative Council and the Anglican Communion Environmental Network 2015. Permissão é cedida para reproduzir porções dessa publicação. Cópias também podem ser feitas para distribuição com a devida citação.

Agradecemos o apoio do Fundo do Arcebispo de Cantuária para a Comunhão Anglicana e do Tearfund para tornar possível essa iniciativa.

Tradução para o português: Sra. Ruth Barros (Diocese Anglicana da Amazônia/IEAB)